

**18**

NÚMERO 1



REVISTA  
**DIALOGO E  
INTERAÇÃO**

ISSN 1275-3687



**FACCREI**



<https://www.faccrei.edu.br/revista>

## UMA LEITURA DO COTIDIANO: A CRÔNICA E A FOTOGRAFIA EM UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA BÁSICA

### A DAILY READING: THE CHRONICLE AND PHOTOGRAPHY IN A BASIC DIDACTIC SEQUENCE PROPOSAL

136

Mariana Alves de Santana Marins<sup>\*</sup>

Marilu Martens Oliveira<sup>\*\*</sup>

Maurício Cesar Menon<sup>\*\*\*</sup>

Givan José Ferreira dos Santos<sup>\*\*\*\*</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de Sequência Didática Básica, para aulas de Língua Portuguesa, com ênfase na Literatura, para os anos finais do Ensino Fundamental, focando na leitura de um livro de crônicas aliado a conceitos de fotografia. Busca-se, assim, estimular alunos e professores a olharem com mais interesse a arte, em diferentes suportes. Tendo como pressuposto de que a crônica e a fotografia retratam, cada uma com sua linguagem, um recorte no tempo e no espaço, o ponto de partida desta pesquisa foi levantar conceitos que aproximem os dois gêneros e demonstrem a potencialidade de ambos em despertar um olhar humanizador para a realidade. Para isso, por meio de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, apoiou-se, principalmente, nas concepções de Sá (1987), Candido (1992, 1995) e Moisés (2005) para a crônica, e de Barthes (1984) para a fotografia. E para a elaboração da proposta de sequência didática, seguiram-se as proposições de Cosson (2018). Espera-se oferecer, com isso, contribuição reflexiva e pragmática no

---

<sup>\*</sup> Mestra em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza pela Universidade Tecnológica Federal de Londrina (PPGEN, UTFPR Londrina e Cornélio Procópio, 2022); Especialista em Língua Portuguesa (UEL), Graduada em Letras Vernáculas Clássicas (UEL). Orcid: [orcid.org/0000-0002-2970-5181](https://orcid.org/0000-0002-2970-5181). E-mail: [mari\\_mas\\_@hotmail.com](mailto:mari_mas_@hotmail.com)

<sup>\*\*</sup> Pós-doutora em Letras (UNESP, Literatura e vida social, 2018); Doutora em Letras (UNESP, Literatura e vida social); Mestrado em Letras (UEL, Literaturas Vernáculas); Docente do programa de mestrado profissional Multicampi da UTFPR (PPGEN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8918-2001>. E-mail: [marilu@utfpr.edu.br](mailto:marilu@utfpr.edu.br)

<sup>\*\*\*</sup> Pós-doutor em Letras (UFPR, 2014); Doutor em Letras (UEL); Mestre em Letras (UEL); Professor titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); atua como professor permanente nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN) da UTFPR em Londrina e de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UTFPR em Pato Branco-PR. Orcid: [orcid.org/0000-0002-1174-4027](https://orcid.org/0000-0002-1174-4027). E-mail: [mcmenon@utfpr.edu.br](mailto:mcmenon@utfpr.edu.br)

<sup>\*\*\*\*</sup> Doutor em Estudos da Linguagem (UEL, 2013); Mestre em Letras (UEL); Especialista em Língua Portuguesa (UEL); Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR, Campus Londrina); Professor no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (PPGEN). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4104-9313>. E-mail: [givansantos@utfpr.edu.br](mailto:givansantos@utfpr.edu.br)

intuito de ampliar as estratégias de promoção do letramento literário e visual no processo de ensino e aprendizagem escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Crônica. Fotografia. Sequência Didática Básica. Ensino Fundamental II.

**ABSTRACT:** This paper aims to present a Basic Didactic Sequence proposal, for Portuguese language classes, with an emphasis on Literature, for the final years of Elementary School, focusing on the reading of a chronicle book combined with photography concepts. Thus, it seeks to encourage students and teachers to look at art with more interest, in different media. Assuming that the chronicle and the photograph depict, each with its own language, a cut in time and space, the starting point of this research was to look for concepts that bring the two genres together and demonstrate the potential of both in awakening a humanizing look at reality. For this, through qualitative research of bibliographic nature, it was supported, mainly, in the conceptions of Sá (1987), Candido (1992, 1995) and Moisés (2005) for the chronicle, and Barthes (1984) for the photography. And for the preparation of the didactic sequence proposal, Cosson's (2018) propositions were followed. It is hoped, thereby, to offer a reflective and pragmatic contribution in order to expand strategies to promote literary and visual literacy in the teaching and school learning process.

**KEYWORDS:** Literature, Chronicle, Photography, Basic Didactic Sequence, Elementary School.

## 1 Introdução

A escola é o ambiente no qual o indivíduo tem a possibilidade de ser orientado quanto à sua formação literária, que é ampliada conforme ele estabelece contato com diferentes formas de arte também em sua vida pessoal. Por isso, promover um letramento literário diversificado desde os anos iniciais de ensino é muito importante.

Nesse sentido, abordar a crônica como um gênero literário – focando-a não apenas como um gênero textual que visa unicamente à compreensão da estrutura, da linguagem e da classificação para a mera reprodução escrita – e a sua correspondência com a fotografia, no aspecto de manifestação artística e de caráter humanizador que ambas apresentam, trata-se de uma questão relevante e pertinente ao ambiente escolar.

A fim de esclarecer, considera-se que gêneros textuais são “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos propriedades funcionais, estilo e composição característica” (MARCUSCHI, 2002, p. 22-23). Enquadram-se aqui as classificações de romance, conto, notícia, resenha, anedota, crônica e tantos outros que compõem também o universo literário.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – (BRASIL, 2017) para o Ensino Fundamental (EF), não menciona, de forma específica, o letramento literário como habilidade a ser desenvolvida, no entanto o referido documento reconhece a leitura como um dos eixos ligados à prática de linguagem no componente de Língua Portuguesa. Assim, como prática de leitura para 6º e 7º anos, dentro do objeto de conhecimento “Relação entre textos”, “Estratégias de leitura” e “Apreciação e réplica”, propõe habilidades a serem desenvolvidas que vão ao encontro da proposta deste artigo, tais como:

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2017, p. 168-169, grifo nosso).

Considerando que tais competências e habilidades – ler, analisar e posicionar-se sobre – precisam ser estimuladas e desenvolvidas nos estudantes para que estes ultrapassem o mero desenvolvimento conteudista, essas serão referências a serem consideradas na construção da proposta de sequência didática a ser exposta no decorrer deste trabalho.

A crônica, uma vez que foi considerada um gênero menor, por sua origem, no começo do século XIX, na França, teve início sob forma de folhetins publicados no

rodapé da página inicial do jornal para preencher um espaço vazio destinado ao entretenimento em geral – piadas, receitas, narrativas etc. (MEYER, 1992), encontrou terreno fértil para novos autores em solo brasileiro, como José de Alencar e Machado de Assis. Isso se deve à possibilidade de tratar de costumes, gracejos, problemas nacionais ou cotidianos com uma linguagem própria, o que foi tão bem explorado a ponto de distinguir consideravelmente a crônica produzida no Brasil da de outros países (MOISÉS, 2005). Ou seja, o cronista brasileiro partilha com os leitores um recorte pessoal e humano de cenas que poderiam ser consideradas vãs.

Aliado a isso, a fotografia, na atualidade, por consequência da facilidade de acesso a uma câmera digital, em qualquer aparelho celular, também tem sido uma arte produzida e lida não apenas com valor documental (AVANCINI, 2011), portanto merece ser reconsiderada e tratada com o grau de subjetividade e importância que lhe convém.

Além disso, por serem gêneros que têm por essência o congelamento de um momento específico, é relevante trabalhá-los de forma conjunta em uma sequência didática de letramento literário, especialmente para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, conforme as habilidades a serem desenvolvidas indicadas pela BNCC (BRASIL, 2017), como uma proposta de mostrar-lhes a importância da contemplação do cotidiano, garantindo-lhes o direito humano à literatura (CANDIDO, 1995) e estimulando o desenvolvimento de habilidades de leitura mais humanizada da realidade.

Diante dessas considerações, para a realização deste artigo, primeiramente fez-se um levantamento bibliográfico das teorias sobre o gênero literário crônica e sobre a fotografia. Em seguida, foram realizados estudos e análise das sequências de letramento literário propostas por Cosson (2018), optando-se pela Sequência Básica para, por fim, elaborar-se a proposta de letramento literário que entrelaça os dois objetos de estudo selecionados.

## 2 A Crônica: Humanizando Cenas Cotidianas

Em solo nacional, a origem da crônica é atribuída à Carta de achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha, dirigida a D. Manuel, rei de Portugal, informando sobre a chegada ao Brasil e apresentando detalhes e ponderações sobre o fato histórico. Porém nem todas as informações descritas na carta são essenciais para um relato de viagem, pois, em sua carta, o autor registra o “circunstancial”, princípio básico para uma crônica (SÁ, 1987).

Apenas no século XIX o termo assumiu um caráter literário (MOISÉS, 2005). Com as publicações em folhetins, espaço reservado para textos sem características de notícia, as crônicas eram uma forma de apresentar com linguagem e sintaxe própria pequenos acontecimentos do dia a dia que não seriam considerados relevantes para compor as notícias em destaque do jornal. Portanto,

[...] com o toque do lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação no diálogo sobre a complexidade de nossas dores e alegrias. (SÁ, 1987, p. 11)

São representantes da importância da crônica desde o século XIX até à modernidade autores como José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Nelson Rodrigues, Rubem Braga, entre outros, os quais utilizaram do gênero como importante meio de divulgação de suas ideias. Especialmente após a edição e reedição em livros de suas crônicas, a valorização de suas obras, antes publicadas em jornais, ganharam ainda maior destaque, confirmando a relevância de um gênero literário com características e temas brasileiros retratando suas determinadas épocas (SIMON, 2004).

Enquanto no jornalismo mundial a crônica ainda está ligada à noção de relato histórico, no Brasil é considerada um gênero com características diferentes das de outros países. Assim, a crônica brasileira, embora utilize fatos como pretexto para

criação, tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (MELO, 1985, *apud* TUZINO, 2009, p. 3).

Essa capacidade da crônica em dar formas literárias a acontecimentos cotidianos permite a Antônio Candido afirmar que é tal característica que a faz não ser um *gênero menor*, pois

[...] por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza. E esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem faz dela inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992, p. 13)

E é esse olhar humanizador do gênero crônica que importa ser trabalhado em sala de aula. Considerar uma maneira de ensinar os alunos a observarem a vida cotidiana e perceberem que ela vale a pena ser vivida, assim como o olhar para si mesmo, para a beleza do outro e do ambiente em que se vive pode assumir uma dimensão mais lírica, por mais simples que pareça (SÁ, 1987).

Outro fator importante da crônica é ser uma produção curta que, embora não tenha origens ficcionais, precisa dar um tratamento literário ao que será dito. Sobre isso, pontua Sá (1987): 1) a construção do diálogo para que não seja uma mera transcrição; 2) a construção de personagens que se afastem do real e tenham status de criação ficcional; 3) envolvimento mais completo de espaço, tempo e atmosfera; 4) distanciamento da perspectiva do cronista da do narrador, ainda que muitas vezes sejam o mesmo.

É necessário observar, então, que o gênero possui, geralmente, um elemento de ação central, como no conto, por isso há uma linha tênue de diferenciação dos dois. Neste o contista aprofunda-se na construção dos elementos narrativos, podendo atribuir-lhes características mais complexas e até fantásticas, convergindo toda “unidade dramática para o mesmo ponto” (MOISÉS, 2006, p. 41). Enquanto que o cronista trabalha a narrativa de forma mais livre, destacando de um fragmento do cotidiano um aspecto para o leitor refletir, utilizando digressões, personalidade e

linguagem emotiva, de modo que Moisés (2005, p. 116) conceitua a crônica como “a poetização do cotidiano”.

A crônica pode ser classificada de diferentes maneiras, especialmente pela diversidade de assuntos e ênfases que ela pode contemplar. Dessa forma, Massaud Moisés (2005), por causa da proximidade entre crônica e conto, classifica-a em “crônica poema” (ênfase ao caráter contemplativo) e “crônica conto” (ênfase ao aspecto narrativo). Para Antonio Cândido (1992, p. 21) há uma subdivisão do gênero em: “crônica diálogo”, “crônica narrativa”, “crônica exposição poética” e “crônica biografia lírica”. Por fim, Afrânio Coutinho (COUTINHO, 2003, apud AIMÉE, 2008, p.25), classifica o gênero literário em: “crônica narrativa”, “crônica metafísica”, “crônica poema em prosa”, “crônica comentário” e “crônica informação”.

A partir do momento em que a crônica é publicada em livro, ela deixa de ter o caráter temporário do jornal, de leitura rápida, e passa a ser mais duradoura, até mesmo assumindo um maior respeito por parte do leitor enquanto gênero literário, logo, “a atitude diante do texto é que muda” (SÁ, 1987, p. 85). Isso permite que o leitor consiga dialogar mais com o texto e com o cronista, podendo ler e reler para aprofundar seu olhar crítico e descortinar elementos da construção do texto e seus significados antes não identificados. Considerando isso, Sá (1987) propõe um possível roteiro de leitura crítica para a(s) crônica(s) publicada(s) em livros, estudando: qual a relação entre o texto escolhido e o livro, principalmente a crônica-título; qual a perspectiva do narrador-repórter, a sua forma de ver o mundo; qual o foco narrativo, se em primeira ou terceira pessoa; como é realizado o processo de ficção dos fatos e das pessoas; como são construídas as imagens de modo a alcançar a essência dos seres e coisas; como é construído o lirismo reflexivo, a relação entre sujeito e objeto; qual a estrutura empregada pelo autor para “ensinar, comover e deleitar” mediante relatos aparentemente simples, mas carregados de humanidade.

Essa sugestão de leitura do gênero vem ao encontro do que se quer propor neste artigo, porque apresenta uma estratégia de como trabalhar com os alunos não apenas a leitura de textos soltos, ou focando somente na delimitação de traços linguísticos para posterior reprodução. Com esses direcionamentos iniciais, é possível

orientar os estudantes a observarem a crônica como gênero literário, sua contextualização dentro de um livro e a reconhecerem traços característicos do autor.

Além disso, essa estratégia de leitura da crônica pode ser aplicada na leitura da fotografia, do mesmo modo que ambos contemplam elementos construtivos afins, assim como conduzem a uma reflexão a partir do olhar do autor e da interpretação enquanto sujeito leitor.

### 3 A Fotografia: A Captura da Essência Humana

Nas últimas décadas, com a profusão de equipamentos fotográficos digitais facilmente acessíveis em *smartphones*, a fotografia deixou de ser considerada apenas como fonte documental e informativa (AVANCINI, 2011), e passou a ser uma representação da realidade, um passatempo massificado (FONTCUBERTA, 2012, apud Julia Ferreira de Almeida, 2015). Ainda, a grande capacidade de armazenamento em meios digitais permite um aumento na quantidade de fotografias tiradas. Então, para dar vazão a tantas imagens, parte do produzido é compartilhado em diferentes suportes, como as redes sociais. Nesse sentido,

Transmitir e compartilhar fotos funcionam então como um novo sistema de comunicação social, como um ritual de comportamento que está igualmente sujeito a normas particulares de etiqueta e cortesia. Entre estas normas, a primeira estabelece que o fluxo de imagens é um indicador de energia vital, o que nos devolve ao argumento ontológico inicial do “fotografo, logo existo”. (FONTCUBERTA, 2012, p. 33, apud ALMEIDA, 2015, p. 31).

Conseqüentemente, isso permite que ocorra um processo de banalização, descarte e substituição rápida de imagens, visando somente à exposição daquilo que tem um compromisso com o momento presente do indivíduo e a necessidade de inserção em um grupo social (ALMEIDA, 2015), fenômeno observado, especialmente, entre os jovens. Por isso, é preciso pensar numa nova forma de produzir, interagir e ler as imagens fotográficas, como uma forma de compreender o cotidiano e resgatar o caráter humanizador e artístico dessas.

A partir da Segunda Guerra Mundial, os fotógrafos considerados humanistas começaram a produzir imagens que exaltassem a vida, buscando captar a essência humana, diferentemente das imagens objetivas que eram encaminhadas para a imprensa. Com isso, “os fotógrafos inauguraram uma era na qual as ações do dia a dia foram registradas por um olhar pessoal”, e utilizavam os “princípios da fotografia humanista: não comportar a verdade, não intervir e alterar a cena, voltar a cidade para o cidadão, respeitar a si e aos outros” (AVANCINI, 2011, p.59).

Entre esses fotógrafos, destaca-se o francês Henri Cartier-Bresson, considerado o pai da fotografia moderna e do fotojornalismo, do qual se ressalta para este estudo a teoria do “instante decisivo”, momento em que há uma sintonia e equilíbrio entre o fotógrafo e todos os elementos envolvidos na cena. Zanon e Sabbag explicam a expressão assim:

O termo “O instante decisivo” representa o momento exato em que a imagem se transforma em uma portadora da linguagem com toda sua plenitude. Algo que representa não somente a beleza plástica da foto, mas sim, o que traz consigo a representação metalinguística da cena. A fotografia conversa com o artista da mesma forma que sua representação conversa com o espectador, dando uma continuidade no sentido através daquela fração de segundos. Caso escape o momento, este não pode mais ser capturado sob essa tradução. Tradução daquilo que sentimos e algumas vezes não conseguimos representar através do uso de palavras, mas sim através do olhar e do sentido (ZANON; SABBAG, 2017, p. 7).

No entanto, não é fácil conseguir capturar esse instante, pois normalmente o fotógrafo só o identifica na sala de revelação durante a observação do enquadramento e dos elementos da imagem.

Assim, permite-se relacionar esse conceito com a decisão do cronista sobre o que escrever, afinal, trata-se da seleção de um fato, um assunto decisivo, posto que faz o recorte de uma cena do cotidiano para representá-la, por sua vez, com palavras. Retrata bem essa relação proposta “A última crônica”, de Fernando Sabino, na qual o narrador discorre sobre a falta de assunto do cronista para escrever até se deparar com uma cena de comemoração do aniversário de uma criança feita de forma simples. Sobre isso,

[...] embora não tenha preconceitos temáticos, [o cronista] não acolhe toda e qualquer matéria: dentro de seu campo de ação [...], a crônica deve escolher um fato capaz de reunir em si mesmo o “disperso conteúdo humano”, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: “ensinar, comover e deleitar” (SÁ, 1987, p.21-22).

Portanto, há uma proximidade entre as motivações de criação dos dois gêneros, justificando a sua abordagem conjunta em sala de aula.

Ainda sobre a fotografia, Roland Barthes, em *A câmara clara* (1984), busca responder qual é a essência da fotografia e, em meio as suas ponderações, destacam-se para este estudo, os conceitos para explicar o efeito que a fotografia gera no indivíduo que a vê: *studium* e *punctum*. O primeiro diz respeito ao gosto pessoal acerca da imagem, uma escolha entre “gosto ou não gosto”, a qual é resultante das construções culturais e dos valores individuais. O segundo refere-se àquilo que punge, que fere, pode ser apenas um detalhe da imagem que atrai, como se a sua presença fosse o bastante para atingir (ferir) de alguma forma o indivíduo que vê a fotografia (BARTHES, 1984, p. 45-46).

Esses conceitos são interessantes, pois, de certa forma, estão relacionados à escolha de um texto. É assim que, diante de uma coletânea de crônicas, os educandos podem se posicionar: primeiramente apresentando um juízo de valor simplório aos textos, mas, certamente, escolherão para reler e refletir aquele que gerar um *punctum*, mesmo sem saber apresentar, inicialmente, uma justificativa evidente para tal escolha.

Considerar essas reflexões no processo de letramento literário é uma maneira de levar os alunos a olhar para as imagens registradas em formato fotográfico não mais como um objeto de reprodução de si mesmo, ou de fatos que não serão lembrados por estarem perdidos na memória do celular ou na “nuvem”. É interessante levar para a sala de aula conceitos que valorizem a produção da imagem, a importância de se esperar o momento decisivo para registrar uma cena e o quanto ela pode gerar impacto em quem a vê. Conseqüentemente, os estudantes terão um posicionamento diferente ao lerem textos como os do gênero crônica.

#### 4 Uma Proposta de Abordagem da Crônica e da Fotografia na Sala de Aula

A partir das considerações feitas a respeito da crônica, bem como do texto literário humanizador e da fotografia, enquanto formas de captar a essência humana, apresenta-se uma proposta de letramento literário. O objetivo é, a partir da leitura de um livro de crônicas, relacionar essas duas manifestações artísticas como maneira de instigar o aluno a olhar com deferência a sua realidade.

O letramento literário é a promoção da apropriação da literatura enquanto linguagem por meio do contato entre aluno e a própria obra literária. Além disso, o espaço escolar é essencial para que isso ocorra, uma vez que “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar” (SOUZA e COSSON, 2011).

De acordo com Rildo Cosson (2018, p.17), “na literatura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmo e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos”, e, nesse sentido, é essencial promover a leitura de textos literários, a discussão e a ampliação para outras áreas, a fim de apresentar aos alunos as ferramentas necessárias “para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem” (COSSON, 2018, p.30). E, acrescenta-se, ainda, conhecer *o mundo feito pela imagem*.

O que será proposto é a elaboração da Sequência Básica (SB), de acordo com metodologia construída por Cosson (2018), a qual possui as seguintes etapas: 1) Motivação: preparação do aluno para seu contato com o texto literário; 2) Introdução: apresentação breve do autor e da obra; 3) Leitura: planejamento de leitura, individual ou coletivamente; 4) Interpretação: ocorre em dois momentos a) interno: decifração da obra; b) externo: concretização do sentido do texto na comunidade.

O livro escolhido é *Ninguém me entende nessa casa! Crônicas e casos* (2011), de Leo Cunha, o qual contém 26 crônicas que tratam de assuntos como família, amigos, lembranças novas e antigas que fizeram parte do cotidiano do autor. A obra faz parte do catálogo de livros de uma editora nacional especializada em publicações

escolares para que o professor faça a seleção, ou para os alunos adquirirem, ou para compor o acervo da biblioteca da escola.

Diante disso, a proposta de letramento literário, seguindo as etapas da Sequência Básica foi planejada para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental (EF), considerando ainda as habilidades previstas na BNCC (BRASIL, 2017). No entanto, não há impedimentos para que seja adaptada a outras obras e etapas do ensino, devendo, sempre, considerar a relevância do livro escolhido, o perfil da turma e o acesso desta à obra.

#### 4.1 Sugestão de Sequência Básica

A proposta a ser apresentada seguirá a sequência básica para letramento literário proposta por Cosson (2018), a qual é dividida nas seguintes etapas: i) motivação, ii) introdução, iii) leitura e iv) interpretação. Em cada etapa é possível ampliar as possibilidades de discussão, ou, ainda, ajustar de acordo com a realidade da turma e da escola.

1) Motivação: Propor a observação e a discussão de fotos previamente selecionadas e trazidas pelo professor. Neste momento, é importante deixar que os estudantes expressem suas considerações e interpretações de forma livre, de modo que o docente os instigue a encontrar um *punctum* nas imagens, assim como desenvolver a habilidade de analisar a fotografia enquanto manifestação artística.

Uma sugestão é selecionar obras do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, o qual “procura fazer as pessoas refletirem sobre a situação econômica do local retratado, seja por meio do choque, ou seja, por meio da imagem nua e crua da pobreza, da dor, e da fome”, e tem influências em sua arte da técnica do “instante decisivo”, do fotógrafo Cartier-Bresson. (MURITIBS [200-?])

2) Introdução: Apresentação do livro *Ninguém me entende nesta casa! Crônicas e causos* (2011), de Leo Cunha. Ler com a classe o prefácio “De crônicas e títulos”, e a breve biografia do autor que consta no final da obra. Como se trata de

uma etapa em que o aluno precisa ter seus primeiros contatos com o que irá ler, é interessante apresentar para a classe a crônica que nomeia o livro, a crônica-título, (para a qual o autor também atribui um segundo título “Meu primeiro show de rock”), e construir com eles, mesmo que apenas verbalmente, a “imagem” da cena marcante na vida do narrador, a qual foi a inspiração para a produção da crônica.

Nesta etapa, o professor pode estimular os estudantes a observarem qual é a perspectiva do narrador sobre o fato e qual é a sua forma de ver o mundo, pedindo que destaquem da crônica elementos que os representem. Na sequência, questioná-los se seria possível conceber a crônica, segundo o olhar do autor, a ponto de registrá-la também com uma fotografia, transpondo a linguagem verbal para a visual.

3) Leitura: solicitar aos alunos que leiam as crônicas em casa - a fim de desenvolverem a habilidade de leitura autônoma, compreendendo as características do gênero, além de observar seus recursos literários e semióticos. Também que anotem quais gostaram e as que se destacaram por algum motivo, para, na próxima aula, ser feita a divisão de textos para trabalharem em grupos.

Durante esse processo, o professor deve conversar com cada grupo, orientar a leitura das crônicas apresentando o roteiro de leitura crítica para a(s) crônica(s) publicada(s) em livros proposto por Jorge de Sá (1987), além de ressaltar características linguísticas importantes, imagens criadas pelo narrador, interpretar trechos específicos e incentivar a pesquisa de informações desconhecidas, mostrando a relevância de conhecerem os intertextos.

É importante realizar atividades intermediárias durante o processo de leitura, as quais podem ser de “natureza variada”, conforme propõe Cosson (2018, p.63). Dessa forma, o professor pode programar de 2 a 3 intervalos nos quais traga fotografias para a sala de aula, propondo aos alunos exercícios de leitura e interpretação de imagens, a fim de levá-los a compreender e aprofundar a noção de “instante decisivo”, da mesma forma como uma história, crônica, pode ser construída a partir de um recorte temporal específico.

Essas atividades de intervalo são importantes, ainda, para um acompanhamento avaliativo do desenvolvimento dos alunos.

4) Interpretação: Esta etapa divide-se em dois momentos: interno e externo.

a) Interno: Planejar orientações para cada grupo, verificando quais são as dúvidas, observando a linguagem e os elementos que relacionam o texto com o contexto. Sugerir que façam associações com a fotografia, conforme as atividades intermediárias desenvolvidas que puderam contribuir. Durante essa etapa, os alunos entregarão por escrito suas análises e interpretações, como forma de avaliação processual. Com isso, é possível potencializar, também, a habilidade de ponderação sobre o texto lido e contribuir para que os estudantes assumam preferências por determinados gêneros, temas ou autores.

Isso não precisa levar muito tempo, pois são textos curtos e eles podem desenvolvê-los fora da sala de aula, assim como as pesquisas e as interpretações. Apenas é importante realizar de dois a três momentos de conversa por grupo, variando de acordo com dificuldades sinalizadas pelos alunos.

Ao longo da interpretação os estudantes podem realizar ensaios fotográficos experimentais, a fim de conseguir retratar uma cena que possa representar a crônica estudada. Tal retrato pode ser programado, ou seja, com a criação um cenário fictício, ou espontâneo, o que exigirá maior dedicação e prontidão para registrar a situação. Nesse momento, é preciso estimular a ideia de “instante decisivo”, podendo sugerir a pesquisa sobre o trabalho e as estratégias utilizadas pelo fotógrafo Sebastião Salgado.

Ainda é muito importante nesta etapa esclarecer acerca dos direitos de imagem, orientando os alunos sobre a necessidade de se pedir autorização para utilização e divulgação da imagem da pessoa fotografada.

b) Externo: Para finalizar as atividades de interpretação e com o objetivo de externalizar tudo o que foi lido, estudado e construído, cada grupo deverá apresentar a crônica estudada, utilizando o recurso visual da fotografia. Devem planejar e registrar cenas que representem a narrativas para a realização de uma exposição de fotografia destinada à comunidade escolar. É essencial destacar que a fotografia não

tem como objetivo ilustrar a crônica, mas traduzi-la, expressar os sentimentos absorvidos durante a fase de leitura e interpretação.

## 5 CONCLUSÃO

A promoção da leitura é uma atividade que exige dedicação do professor na busca por ferramentas que contribuam não apenas para o estímulo do ato, mas para que gerem um impacto significativo na vida escolar (quem sabe pessoal) do aluno. Por isso propor sequências didáticas para a efetivação do letramento literário é essencial, como uma forma de compartilhamento de estratégias e possibilidade de mudanças nas aulas de Língua Portuguesa, em especial.

Igualmente, é importante trabalhar em sala de aula com a leitura de livros e não apenas com textos avulsos, pois isso o próprio livro didático já propõe. Ao ler uma sequência de produções de um mesmo autor, os alunos têm a possibilidade de observar o estilo linguístico, a preferência por assuntos, a organização da obra e, quem sabe, poder assumir uma postura mais contundente a respeito do seu gosto pessoal de leitor. Logo, é possível ampliar o repertório de leitura dos estudantes de forma mais eficiente, assim como promover a relação com outras artes, em especial, a fotografia.

A escolha do gênero crônica, para o 7º ano, aliado a conceitos de fotografia, é uma estratégia que visa despertar nesses jovens o apreço por questões cotidianas, observar que a arte literária e fotográfica também faz parte do seu dia a dia e possuem caráter permanente. Busca-se, então, um resgate à contemplação, a qual tem sido relegada para um segundo plano pela utilização excessiva e insensata de recursos tecnológicos.

Por fim, essa proposta não se encerra em si, podendo ser ampliada, ajustada e adaptada para diferentes obras e fases escolares, assim como não está isenta de dificuldades de aplicação. O que se espera, então, é que o professor, motivado, encoraje-se e verifique novas possibilidades de atuação em sala de aula para a promoção de uma leitura significativa para seus alunos.

## Referências

ALMEIDA, Júlia Ferreira de. *A fotografia e as redes sociais digitais*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4735/1/Julia%20Ferreira%20de%20Almeida.pdf#page=30&zoom=100,109,94>. Acesso em: 29 jan. 2020.

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. *Brazilian journalism research: journalism theory, research and criticism*, Brasília, v. 7, n. 1, p. 50-68, 2011. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002283858.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução Júlio Castañon Guimarães. 9ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. *et al. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio *Vários escritos*. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2003, vol. 6. In: AIMÉE, Aline. A crônica em foco – revisão da crítica e análise das características do gênero. *Cadernos do CNLF*, vol. XII, nº 07, 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26014065-Generos-textuais-a-cronica-em-foco-revisao-da-critica-e-analise-das-caracteristicas-do-genero-aline-aimee.html>. Acesso em: 03 set. 2019.

CUNHA, Leo. *Ninguém me entende nessa casa! Crônicas e causos*. São Paulo: FTD, 2011.

DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZZERA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros Textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FONTCUBERTA, Joan. A Câmera de Pandora. Barcelona: G. Gili, 2012. In: ALMEIDA, Júlia Ferreira de. *A fotografia e as redes sociais digitais*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São

Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4735/1/Julia%20Ferreira%20de%20Almeida.pdf#page=30&zoom=100,109,94>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: MELO, José Marques de. A opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985. In: TUZINO, Yolanda Maria Muniz. Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura. BOCC. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 2009, p. 01-17, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/tuzino-yolanda-uma-intersecao.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2019.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 93 – 133.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa I*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa II*. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MURITIBS, Maiara. *Sebastião Salgado*. Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes - ECA/USP. São Paulo, [200-?]. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&catid=14:folios&Itemid=10](http://www2.eca.usp.br/cms/index.php?option=com_content&view=article&id=67:sebastiao-salgado&catid=14:folios&Itemid=10). Acesso em: 06 fev. 2020.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987.

SIMON, Luiz Carlos Santos. A trajetória da crônica entre a polêmica e o sucesso. *Temas e Matizes*, v. 3, n. 5, 2004, p. 54-61. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/554/465>. Acesso em: 30 jan. de 2020.

SOUZA, Renata Junqueira de. COSSON, Rildo. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. Acervo Digital Unesp, publicado em 15, ago. de 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2020.

ZANON, Wellington Rodrigo; SABBAG, Deise Maria Antonio. O instante decisivo de Henri Cartier Bresson e a indexação: um estudo exploratório de métodos de indexação de fotografias. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v.15, n. 3, p. 693-714, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v15i3.8648748>. Acesso em: 28 jul. 2019.

Recebido em: 28/05/2023.

Aprovado em: 01/06/2023.